

O GORDO E O MAGRO

ANTON TCHEKHOV

Texto traduzido por Marina Khabenskaya

ISCAP

Portugal

marinak@iscap.ipp.pt

Texto revisto por Maria Helena da Costa Guimarães

ISCAP

Portugal

air_cloud@yahoo.com

Na estação de comboios encontraram-se dois amigos: um gordo e o outro magro. O gordo tinha acabado de almoçar na estação e os seus lábios, besuntados de manteiga, reluziam como duas cerejas maduras. Exalava dele um cheiro a sherry e a fleur d'orange. O magro acabara de sair da carruagem naquele momento e estava carregado de malas, sacos e caixas de cartão. Cheirava a presunto e a borra de café. Por trás dele espreitava uma mulher magricelade queixo comprido, a sua esposa, e o aluno de liceu alto com os olhos meio fechados era o seu filho.

— Porfírio! — gritou o gordo ao ver o magro.— És mesmo tu?

Meu querido amigo! Há quanto tempo!

— Meu Deus do céu! — exclamou de espanto o magro.— Micha!

Meu amigo da infância! Mas que fazes tu por aqui?

Os amigos beijaram-se três vezes e fitaram-se com os olhos rasos de lágrimas. Os dois sentiam-se agradavelmente surpreendidos.

- Querido amigo! – começou a dizer o magro depois de se terem beijado – Não estava nada à espera! Que surpresa! Vá, olha bem para mim! Continuas a ser um bonitão! Sempre encantador e janota! Deus seja louvado! Vá, conta lá como vai a tua vida? Estás

rico? Casado? Eu já sou casado, como vês... Esta é a minha mulher Luísa, Vantsenbakh em solteira... protestante. E este é o meu filho, Nafanaïl, aluno da 3ª classe. Este, Hafania, é um amigo da minha infância. Estudámos juntos no liceu!

-

Nafanaïl pensou por instantes e tirou o chapéu.

- Estudámos juntos no liceu! – continuou o magro. - Lembra-te como se metiam contigo? Chamavam-te Heróstrato por teres queimado com o cigarro o livro da escola e a mim chamavam-me Efiáltes por que era queixinhas. Ha-ha... Éramos crianças! Não tenhas medo, Nafanaïl! Aproxima-te mais dele... E esta é a minha mulher, Vantsenbakh em solteira ... protestante.

-

Nafanaïl pensou por uns instantes e escondeu-se atrás do pai.

- Então, como vais tu, meu amigo? – perguntou o gordo, olhando extasiado para o amigo. – Onde és tu funcionário? A que escalão já chegaste?
- Sou funcionário, meu caro amigo! Há já dois anos que atingi o oitavo escalão de assessor colegial e já tenho um galardão Stanislav. O salário é pequeno... mas paciência! A minha mulher dá aulas de música e eu faço cigarreiras de madeira. São fantásticas. Vendo-as a um rublo cada. Se alguém leva 10 ou mais, faço um desconto, claro. E assim nos vamos aguentando. Sabes, servi como funcionário no departamento e agora fui transferido para cá como chefe do mesmo departamento. Vou trabalhar aqui. E tu, como estás? Com toda a certeza que já és Conselheiro estatal.

- Não, meu querido amigo, pensa mais alto, - disse o gordo. Já sou Conselheiro do III grau e tenho duas estrelas.

O magro, de repente, ficou pálido e petrificado; mas logo o seu rosto se torceu em todos os sentidos num sorriso a tal ponto aberto, que até parecia que tinha visto estrelas ao meio-dia. E ele próprio se encolheu, se curvou, ficando ainda mais sumido. As suas malas, sacos e caixas de papelão encolheram-se, contraindo-se... O queixo comprido da sua mulher ficou ainda mais comprido. Nafanaïl pôs-se em sentido e abotoou todos os botões do seu uniforme.

- Eu, Excelência, ... É um grande prazer! Amigo, pode dizer-se, da infância e, de repente, estamos perante um tão alto dignitário! Hi-hi
- Vá la, chega! – disse o gordo, fazendo um trejeito. A que propósito falas nesse tom? Somos amigos desde a infância – E que vem para aqui fazer todo esse servilismo!
- Perdão! Mas o que está a dizer...- riu-se à socapa o magro, encolhendo-se ainda mais. A amável atenção de Excelência é como uma bênção revigorante. Estes aqui, Excelência, são o meu filho Nafanaïl e a minha mulher Luisa, protestante, de certo modo...

O gordo ainda queria objectar, dizer alguma coisa, mas na cara do magro estava estampada tal veneração, docilidade e azedume reverente que o Conselheiro sentiu vômitos. Virou a cara para o lado e estendeu a mão para se despedir do magro.

O magro apertou três dedos, fez uma vénia com todo o corpo e riu-se à socapa como um chinês: “hi-hi-hi”. A mulher sorriu. Nafanaïl fez um salamaleque e deixou cair o boné. Todos os três estavam agradavelmente surpreendidos.